



Construção de identidades profissionais e dimensão investigativa do saber e das práticas

A INVESTIGAÇÃO NO CURRÍCULO DA FORMAÇÃO DE ANIMADORES SOCIOCULTURAIS

PEDRO¹, Isaura; FIALHO², Filipe; DELGADO³, Catarina; FIGUEIREDO⁴, Carla Cibebe

¹ ESE/IPS - CIEF (isaura.pedro@ese.ips.pt)

² ESE/IPS - CIEF (filipe.fialho@ese.ips.pt)

³ ESE/IPS - CIEF (catarina.delgado@ese.ips.pt)

⁴ ESE/IPS - CIEF (carla.cibele@ese.ips.pt)

Resumo

A Investigação é um campo de ação dos investigadores que constroem saberes imprescindíveis à reflexão comum sobre múltiplos aspetos da sociedade. Mas a investigação é também um recurso inerente à qualidade da intervenção profissional, designadamente dos que atuam no campo da Ação Social como é o caso dos Animadores Socioculturais. Compete-lhes saber analisar a realidade em que se inserem para construir uma intervenção adequada, não o podendo fazer se não dominarem o uso de instrumentos de recolha, análise e interpretação de dados, sabendo mobilizá-los nos seus aspetos mais pertinentes. Esta prática de contacto com a investigação é normalmente iniciada nos planos de estudo da formação inicial, contudo, o modo como é desenvolvida pode fazer a diferença na forma como os futuros profissionais dela se apropriam. A abordagem mais clássica a nível do desenvolvimento curricular consiste em inserir, no plano de estudos, uma ou mais unidades curriculares (UC) em que estes saberes são trabalhados. Esta abordagem tem, contudo, vários problemas, quer do ponto de vista motivacional por parte dos estudantes, quer na sua dimensão de aplicabilidade. Urge desafiar as representações mais estereotipadas sobre o processo de investigação e os seus procedimentos, bem como, esbater fronteiras entre UC de diferentes domínios, em processos colaborativos de articulação, com vista a colocar a investigação no centro da formação, construindo o seu significado em torno de uma ação futura.

Neste sentido, tem-se vindo a construir um percurso comum entre duas UC (Seminário de Investigação e Projeto e Design, Desenvolvimento e Avaliação de Projetos) no 2.º ano da licenciatura em Animação e Intervenção Sociocultural. Nesta comunicação faz-se um balanço dessa metodologia, com recurso a instrumentos de monitorização que se partilham, assim como aos dados recolhidos, com vista à melhoria interna deste processo, mas também a uma reflexão mais alargada sobre o papel conferido à investigação na formação inicial de futuros profissionais.

Palavras-Chave: Investigação; Articulação curricular; Animação Sociocultural.



Introdução

Neste artigo debruçamo-nos sobre uma experiência de formação realizada no curso de licenciatura de Animação e Intervenção Sociocultural (AIS), que se enquadra na temática da investigação no currículo de formação. Esta experiência desenvolveu-se num contexto de trabalho colaborativo, concretizado pelas equipas docentes das Unidades Curriculares (UC) Seminário de Investigação e Projeto (SIP) e Design, Desenvolvimento e Avaliação de Projetos (DDAP), do 2.º ano desta licenciatura.

A UC de DDAP integra os elementos Design, Desenvolvimento e Avaliação (de projetos, em particular, de animação e intervenção). Para desenvolver as diferentes etapas do projeto é fundamental efetuar um diagnóstico dos contextos e das respetivas populações-alvo nos quais se pretende intervir. Ao longo dos anos, temos observado que os(as) estudantes expressam dificuldades em realizar este diagnóstico de modo consistente, sistematizado e fundamentado. Consequentemente, torna-se evidente a necessidade de desenvolver competências ao nível do processo de investigação (nomeadamente, no que se refere a técnicas e instrumentos de recolha de informação e subsequente análise) e que os estudantes pudessem mobilizar não só para a concretização dos projetos na UC de DDAP, mas também no estágio a realizar no ano seguinte e, posteriormente, na sua prática profissional futura. Concomitantemente, a UC de SIP, que visa o desenvolvimento destas competências, deparava-se com a necessidade de envolver os estudantes neste processo de uma forma contextualizada, aspeto fundamental para o desenvolvimento de aprendizagens significativas.

Efetivamente, a articulação e colaboração afigurava-se alicerçada, pertinente e potencialmente profícua mediante a constatação de que estas UC tinham em comum a investigação como conteúdo. Ambas visam, também, enfatizar a relevância da investigação na compreensão dos contextos que integram o exercício profissional dos estudantes deste curso. A par destes objetivos está subjacente uma conceção pedagógica assente no aprender fazendo, partilhada pelas equipas docentes.

O objetivo deste artigo é, por um lado, analisar e refletir sobre as perceções dos estudantes acerca do papel da investigação na sua área profissional e sobre o modo como vivenciaram o processo inerente ao projeto de investigação e intervenção assente numa dinâmica de articulação das duas UC supramencionadas. Por outro lado, visa partilhar os desafios e potencialidades do trabalho colaborativo desenvolvido pelas equipas de docentes destas UC, tendo em conta as dinâmicas de negociação criadas e a partilha de decisões conjuntas.



Enquadramento teórico

O Trabalho Colaborativo entre docentes nas escolas não é propriamente uma novidade, a um nível informal sempre terá existido e em todos os níveis de ensino. Como referem Leite e Pinto (2016), sempre ocorreram conversas entre os docentes, designadamente sobre os alunos e sobre as suas famílias, troca de informações e materiais pedagógicos, interação a propósito de visitas de estudo ou outros eventos na escola. O que caracteriza este tipo de colaboração é o seu carácter voluntário, ocasional e em certa medida dependente de uma rede de natureza socioafetiva que se constrói no interior do mundo profissional. De acordo com o questionário que as autoras atrás referidas aplicaram “As conversas com colegas sobre a vida dos alunos (...) foi a subcategoria que recebeu maior número de referências, correspondendo a uma média de 4,8 em 5), ou seja, muito próximo do score máximo” (Leite & Pinto, 2016, p. 76). Deste tipo de interação poderá resultar um efeito positivo, tanto para o bem-estar dos docentes como para os processos e resultados educativos, contudo, o seu baixo nível de estruturação e inserção na organização curricular e pedagógica da instituição educativa não permite evidenciá-los com clareza. Outras categorias são utilizadas para diferenciar o tipo de trabalho colaborativo. Forte e Flores (2017) referem, por exemplo, as designações ‘colaboração estrutural’ e ‘colaboração autêntica’. As autoras afirmam a “relevância das culturas profissionais colaborativas reconhecendo e valorizando o saber que é construído no coletivo” (p. 229). Há assim que procurar um nível de colaboração mais aprofundada e sistemática, enquadrada na própria estratégia organizacional relativa a uma turma, um departamento ou à própria instituição. Essas estratégias colaborativas implicam um conjunto de atividades pensadas e/ou desenvolvidas em comum, designadamente a docência em equipa, o planeamento conjunto de aulas e/ou apoios educativos (assessoria e/ou codocência), a pesquisa-ação (estudos ou projetos em conjunto), o trabalho de projeto envolvendo alunos, a resolução de problemas, a produção de materiais, a supervisão entre pares (também designada como intervisão) (Leite & Pinto, 2016). Neste sentido, também no ensino superior, tal como nos outros níveis de ensino, há que superar vários obstáculos, entre eles a cultura do individualismo que ainda domina, mas também dificuldades de natureza organizacional, tais como a falta de confiança no outro: medo da crítica, de não ser compreendido, visão da diferença como negativa, etc., assim como o stress das tarefas docentes: entender a colaboração como mais uma tarefa que acrescenta ainda mais stress ao já existente (Carrilho, 2011, Leite & Pinto, 2016). Forte e Flores (2017) acrescentam mesmo que a escola é para muitos professores “um cenário de desencontro, com os seus colegas, nas questões Profissionais (...) falam de muitos assuntos, mas falam pouco das práticas pedagógicas que, nas fronteiras da sala de cada um, vão ocorrendo.” (p. 229).

O que pretendíamos, embora conscientes destes obstáculos que também experimentamos, era superá-los e fazê-lo atendendo ao que nos parecia importante: a) ultrapassar a fragmentação dos saberes em Unidades Curriculares distintas, assim como os efeitos



adversos que tal provoca na construção de uma visão integrada da realidade, aquela sobre a qual os estudantes, no futuro, irão agir como profissionais e b) proporcionar uma aprendizagem mais significativa dos saberes propostos porque integrada num trabalho de projeto feito em comum por duas UC com boas hipóteses de complementaridade. Atendendo a que a UC de SIP propõe a abordagem dos métodos e técnicas de investigação e a UC de DDAP a intervenção no terreno com base em Projeto, realizar uma coisa sem a outra era amputar o verdadeiro sentido da importância da investigação num desempenho profissional de qualidade.

Consideramos assim, que a vivência de um papel ativo, por parte dos estudantes, na pesquisa de terreno, criando um sentido atual e futuro para as aprendizagens a efetuar, pode permitir uma aprendizagem mais profunda em detrimento de uma aprendizagem de nível mais superficial e reprodutiva, baseada na memorização. Uma abordagem superficial ou reprodutiva tem o seu enfoque no essencial dos conteúdos, sobretudo informação factual e concreta e a preocupação passa pela reprodução fiel e exata do que é transmitido. Por sua vez, uma abordagem profunda liga-se ao interesse intrínseco pela tarefa e leva à criação de expectativas positivas de realização e ao desenvolvimento de estratégias que permitam satisfazer a curiosidade pessoal e a procura do significado inerente à tarefa (Tavares et al., 2003).

A abordagem metodológica na pesquisa de terreno implica a compreensão por parte dos estudantes do seu papel enquanto investigadores na definição de estratégias integradas de pesquisa, contactando direta ou indiretamente pessoas chave, informantes privilegiados e grupos específicos da população em estudo. Significa contactar pessoas e grupos de modo a conhecer os locais, as atividades, as atitudes, os comportamentos e, ainda, perceber as situações, os ritmos e os acontecimentos no contexto onde se pretende intervir. Do mesmo modo, implica recolher informação junto de grupos populacionais específicos para a compreensão dos diferentes entendimentos que coexistem sobre um mesmo tema (Costa, 2014).

Salientamos dois fatores que se revelam importantes na motivação, aprendizagem e apropriação dos conteúdos programáticos relativos às metodologias e instrumentos de investigação. Por um lado, o papel ativo dos estudantes na pesquisa de terreno, mobilizando-os para a ação e promovendo uma maior autorregulação dos processos de aprendizagem. Por outro, a necessidade prática dos resultados da pesquisa serem utilizados para a avaliação/diagnóstico de um projeto de animação sociocultural, a realizar na UC de DDAP.

Voltando à importância do trabalho colaborativo, a interação entre as duas equipas docentes também permitiu uma maior valorização do feedback no processo de aprendizagem, com impacto na qualidade da investigação produzida. A avaliação das aprendizagens realizadas nas duas Unidades Curriculares em referência envolve a construção de diferentes suportes e momentos de feedback e avaliação.



Destacamos a elaboração e disponibilização de textos e cronogramas sobre o tema de base para a realização do projeto de animação sociocultural, objetivos e abordagem ao tema, bem como os momentos comuns de avaliação e feedback com os docentes envolvidos. Os estudantes apresentam, num primeiro momento, os instrumentos de investigação produzidos e num segundo momento a análise preliminar dos resultados da sua investigação. Em ambos os momentos, os docentes dão feedback tendo por base os objetivos de cada UC, os conteúdos trabalhados, a análise dos aspetos mais conseguidos e sugestões de alteração. Após estes momentos de feedback, os estudantes podem melhorar os instrumentos de recolha de dados e a análise de resultados, colocando posteriormente para avaliação a versão final. A natureza deste feedback reporta-se à tarefa, tem características construtivas e formativas. Direciona-se, assim, para a melhoria do produto final, que será sujeito à avaliação. A eficácia do feedback é valorizada pelos estudantes, na medida em que lhes permite terem informação sobre a realização da tarefa, promovendo o desenvolvimento da sua aprendizagem. Para os estudantes é importante o diálogo com os docentes e a discussão de ideias que o feedback possibilita (Pereira & Flores, 2013).

Metodologia

Com vista à compreensão e melhoria do processo de articulação das UC de SIP e de DDAP, do 2.º ano da licenciatura em AIS, recorreu-se à análise documental e ao inquérito por questionário enquanto métodos de recolha de informação.

Para perceber os efeitos da cooperação das duas UC sobre a aprendizagem foram analisados os Relatórios de Diagnóstico elaborados no âmbito da UC de SIP do 2.º ano de AIS de 2020/21 (final do 1º semestre) e os Diários de Aprendizagem dos estudantes do 2.º ano de AIS de 2019/20 (final do ano letivo). A análise dos Relatórios de Diagnóstico permitiu entender o desenvolvimento das competências dos estudantes associadas ao tratamento e análise de dados, designadamente a sua capacidade para elaborar, aplicar e analisar um questionário na temática anual do projeto e para realizar e interpretar entrevistas a informantes privilegiados (em 2019/2020 e 2020/2021 os Hábitos e Práticas de Leitura e, neste último ano, em particular, o potencial da escrita e leitura de canções para promover o gosto por ler). Na secção final destes relatórios, na qual se solicitava uma reflexão focada no processo de diagnóstico, há uma perceção dos estudantes sobre as mais-valias e desafios inerentes a este tipo de trabalho. Os Diários de Aprendizagem possuem também informação significativa sobre o modo como estes estudantes vivenciaram este processo.

O questionário, constituído por 10 questões, foi aplicado aos estudantes 2.º ano de AIS de 2020/21, tendo sido obtidas 12 respostas de entre os 31 estudantes que frequentaram as duas UC



acima referidas. Apesar da percentagem de respostas ser relativamente baixa (cerca de 39%), este questionário permite oferecer uma imagem, ainda que preliminar, sobre a perceção dos estudantes relativa aos seguintes aspetos:

- Conteúdos da UC de SIP que consideram serem os mais úteis, que despertaram mais interesse e os que suscitaram uma menor vontade de aprender;
- Modos de encararem a Investigação depois da frequência da UC de SIP;
- Perceção sobre a articulação entre as UC de SIP e de DDAP segundo três dimensões: i) aprendizagens de conhecimentos sobre investigação; ii) compreensão sobre a construção de instrumentos de recolha de dados e modos adequados para analisar esses dados; iii) valor atribuído às aprendizagens que efetuaram, tanto perspetivando o momento de estágio do próximo ano como a sua vida profissional futura.

Análise dos dados

Da análise global dos Diários de Aprendizagem dos estudantes do 2.º ano de AIS de 2019/20 destaca-se uma certa incompreensão inicial sobre o processo de articulação de duas UC, nomeadamente no que as distingue e de como lidar com o que é comum a ambas. O seguinte registo efetuado num destes diários ilustra bem esta ideia:

Eis que apanhámos um grande susto. E agora? Como assim duas unidades curriculares que se interligam? O que serve para uma, serve para a outra? Vamos usar as informações iguais para ambas as disciplinas? Que grande confusão!! (Diário de Aprendizagem – estudante DM do 2.º ano de 2019/20)

Este registo foi efetuado no início do 1.º semestre de 2019/20. Contudo, quando no final do 1.º semestre de 2020/21 aplicámos o questionário, já referido acima, aos estudantes que frequentaram o 2.º ano, neste ano letivo, a perceção sobre a articulação das duas UC parece clara.

As questões 1 e 2 do questionário visaram conhecer a opinião dos estudantes sobre os conteúdos programáticos que consideraram mais úteis e que lhes despertaram mais interesse. Da análise realizada salientamos que os estudantes referem sobretudo a criação dos instrumentos de recolha de dados, ou seja, que consideraram como mais úteis, a criação do guião de entrevista e a construção do inquérito por questionário. Já no que diz respeito aos conteúdos programáticos que lhes despertaram maior interesse (questão 3 do questionário) destaca-se a referência às noções de estatística descritiva. Quanto aos conteúdos programáticos mais desmotivantes, 42% das respostas correspondem a ‘nenhum’, e as restantes focam a ‘análise dos dados’, a ‘ferramenta



Excel', a 'análise de conteúdo', a 'análise de gráficos', as 'noções de estatística descritiva', a 'transcrição de entrevista', a 'criação do guião de entrevista' e 'todos' (com uma percentagem aproximada a 7% em cada uma destas categorias).

Quando perguntámos aos estudantes se, depois de frequentarem a UC de SIP, percecionam a investigação de uma forma diferente (questão 4 do questionário), maioritariamente concordaram (11) e apenas um estudante não concordou. As razões (apresentadas na questão 5 do questionário), que justificam esta concordância, são terem uma melhor compreensão do tema, a sua importância e aplicabilidade.

O gráfico da figura 1 resume as respostas dadas pelos estudantes às últimas cinco questões do questionário (Quadro 1) e que têm subjacente uma escala com seis níveis de concordância – Concordo Completamente (nível 1) e Discordo completamente (nível 6).

Quadro 1 – Afirmações do questionário (da A6 à A10).

A6 - A colaboração entre as UC de SIP e de DDAP permite uma aprendizagem dos conhecimentos sobre Investigação de forma mais integrada.
A7 - A colaboração entre as UC de SIP e de DDAP permite congregiar esforços no mesmo sentido.
A8 - É mais fácil compreender e usar instrumentos de pesquisa e análise quando os situamos na concretização de um projeto no terreno.
A9 - Para o próximo ano, no estágio, irei usar alguns dos instrumentos de recolha, análise e interpretação de dados que adquiri em SIP/DDAP.
A10 - Os conhecimentos de investigação que adquiri nas UC de SIP e de DDAP são importantes para a prática profissional dos animadores socioculturais.

A análise do gráfico da Figura 1 permite destacar percentagens elevadas de concordância positivas (Concordo completamente, Concordo bastante e Concordo) relativamente a todas afirmações do Quadro 1, sendo mais elevadas nas afirmações A8, A9 e A10 (92% dos estudantes). Estes dados permitem concluir que grande parte dos estudantes considera que é mais fácil compreender e usar instrumentos de pesquisa e análise quando os situamos na concretização de um projeto no terreno, que perspetivam usar alguns dos instrumentos de recolha, análise e interpretação de dados que adquiriram em SIP e em DDAP e que os conhecimentos adquiridos nestas UC são importantes para a prática profissional dos animadores socioculturais. É de salientar o elevado valor que atribuem à utilidade das aprendizagens que efetuaram perspetivando a sua vida profissional futura, pela percentagem que atinge o nível Concordo completamente na afirmação A10 (83% dos estudantes).

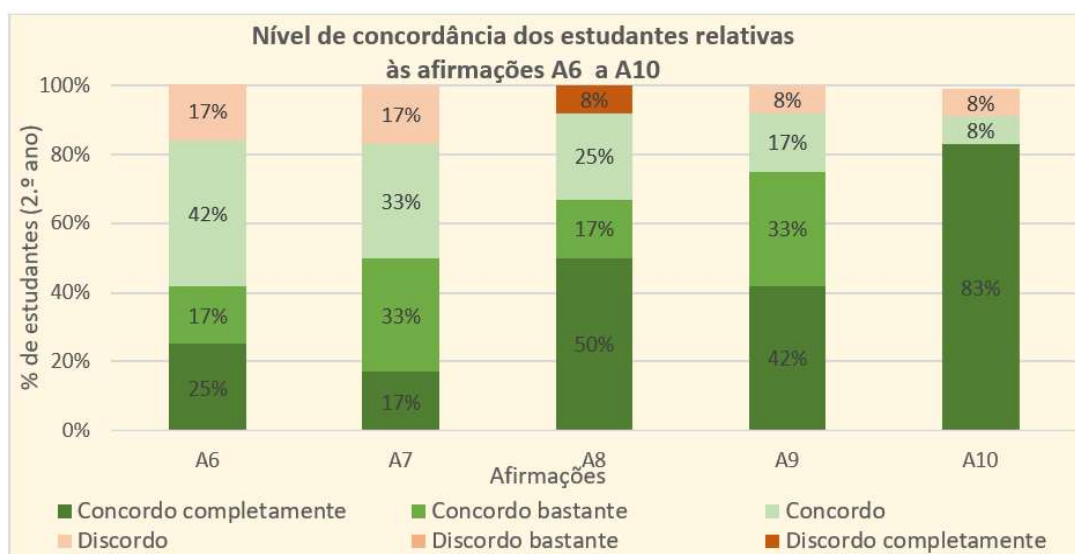


Figura 1 – Gráfico comparativo da percentagem de estudantes de cada nível de concordância tendo em conta as afirmações de A6 a A10.

A perceção positiva sobre o trabalho realizado em articulação com as UC de DDAP e de SIP e o reconhecimento de aprendizagens sobre o processo investigativo é refletida nas considerações finais dos Relatórios de Diagnóstico elaborados no âmbito da UC SIP do 2.º ano de AIS de 2020/21, tal como ilustra o seguinte excerto:

As metodologias adotadas, na nossa opinião, foram um sucesso e o grupo sente que conseguiu pintar uma imagem, não só do nosso público-alvo e das suas necessidades, mas da realidade do IPS no que toca à promoção da literatura. Passámos por várias experiências que nos fizeram crescer como animadores e compreender o lado investigativo de análise de dados, na conceptualização de projetos de animação. (Relatório de Diagnóstico do Grupo B)

A utilidade do trabalho realizado na UC de SIP para a UC de DDAP é também um dos aspetos assinalados, retratada pelo Grupo C do seguinte modo:

Podemos assim concluir que os objetivos propostos foram atingidos, pois os dados recolhidos e o diagnóstico efetuado servirão para desenvolvimento de projeto futuro no âmbito da unidade curricular de Design, Desenvolvimento e Avaliação de Projetos ao abrigo do tema “Promoção e animação do Livro e da leitura” com o subtema Cantautores. (Relatório de Diagnóstico do Grupo C)



Por sua vez, no diário de aprendizagem de uma estudante, pode ler-se:

Com o passar dos tempos, fica cada vez mais clara para mim, a interligação e a importância dos conteúdos das diversas unidades curriculares deste curso, assim como os objetivos principais de um Animador de Intervenção Sociocultural. Escutar, compreender, cooperar, valorizar, incluir, investigar, organizar e intervir, são alguns dos verbos diretamente ligados a esses objetivos. (Diário de Aprendizagem – estudante CF do 2.º ano de 2019/20)

Esta ideia de utilidade, por vezes, extravasa o percurso académico, alargando-se à vida profissional futura:

A unidade curricular de Seminário de Investigação e Projeto (SIP) permitiu-nos ganhar algumas ferramentas de base iniciais necessárias para a dinamização de um projeto. Os conhecimentos adquiridos são fundamentais para a profissão de Animação e Intervenção Sociocultural. (Relatório de Diagnóstico do Grupo E)

A análise global destas reflexões sobre o trabalho de diagnóstico permite identificar ainda alguns desafios com que os estudantes se depararam. Destaca-se o facto de terem de lidar com uma ferramenta de tratamento de dados (Folha de Cálculo - Excel), em relação à qual tinham pouca prática, e os conhecimentos base de Matemática, em particular, de Estatística. Contudo, estes desafios são apresentados como algo que conseguiram ultrapassar e, tal como revelam as respostas ao questionário apresentadas acima, as noções de estatística surgem como um dos conteúdos programáticos que lhes despertaram maior interesse.

Considerações finais

O trabalho colaborativo entre as equipas de docentes de DDAP e de SIP, para além de potenciar a articulação entre estas duas UC, proporciona uma melhoria das nossas práticas educativas e formativas enquanto docentes. Destacamos como aspeto fundamental desta articulação, o esforço que tem sido feito no sentido de manter diferentes momentos de feedback/avaliação conjuntos, envolvendo os docentes das duas equipas. Ainda assim, consideramos importante ampliar a partilha e co construção de objetivos das duas UC e de procurar ajustar os timings da construção/aplicação/apresentação dos instrumentos de recolha de dados, aspeto que tem constituído um desafio para estudantes e docentes. A percepção inicial que temos é que este processo de articulação é inicialmente estranho para os estudantes e parece até acrescentar-lhes algumas dificuldades, em parte pelo seu hábito e rotina num ensino muito fragmentado. Há que compreender ainda que o feedback numa equipa mais vasta (ao todo cinco docentes) traz um nível de complexidade maior e mais profundo. Da análise qualitativa dos seus



Diários de Aprendizagem, que é realizada apenas no final do 2.º ano em DDAP, há já muitos aspetos positivos referidos e não raro voltam ao assunto no final do 3.º ano do curso, para referir este processo de trabalho como desafiante e, sobretudo, marcante em termos formativos. Como forma de regular e otimizar as nossas práticas consideramos fundamental aprofundar o conhecimento da perceção dos estudantes sobre a articulação entre SIP e DDAP de modo a potenciar um processo contínuo de aperfeiçoamento desta articulação, visando o desenvolvimento das suas competências de investigação e intervenção. Neste sentido, urge criar as condições de acesso às perceções dos estudantes sobre os dois objetivos do presente estudo, o processo de articulação SIP/DDAP e aquisição das metodologias e instrumentos de investigação. Estas condições remetem, por um lado, para o aperfeiçoamento do instrumento de recolha de dados e, por outro, para uma maior representatividade face ao universo em estudo. Pressupõe também um estudo de âmbito mais qualitativo que nos possa elucidar sobre os processos de aprendizagem e o modo como se processam ao longo do ano letivo.

Referências bibliográficas

- Carilho, M. (2011). Trabalho colaborativo entre professores e inovação educacional: contribuições da investigação. Tese de mestrado apresentada ao Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Costa, A.F. (2014). A pesquisa de terreno em sociologia. In A.S. Silva & J. M. Pinto (otg.), Metodologia das Ciências Sociais (pp. 129-148). Lisboa: Edições Afrontamento (16ª ed.).
- Forte, A. & Flores, M. A. (2017). Experiências de colaboração na escola: O que dizem os professores?, in Flores, M. A.; Moreira, M. A., Oliveira, L. e Mesquita, D. (Orgs) Atas do II Colóquio - Desafios Curriculares e Pedagógicos na Formação de Professores (Formação e[m] contexto de trabalho), Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), pp. 226-240.
- Leite, C. & Pinto, C. (2016). O Trabalho colaborativo entre os professores no quotidiano escolar. Condições para a sua existência e sustentabilidade. Revista Educação, Sociedade e Culturas, nº 48.
- Pereira, D. R. & Flores, M. A. (2013). Avaliação e feedback no ensino superior: um estudo na Universidade do Minho. Revista Iberoamericana de Educación Superior (RIES), vol. IV (10), pp. 40-54. Disponível em <http://ries.universia.net/index.php/ries/article/view/257>
- Tavares, J., Bessa, J., Almeida, L. S., Medeiros, M. T., Peixoto, E. & Ferreira, J.A. (2003). Atitudes e estratégias de aprendizagem em estudantes do Ensino Superior: Estudo na Universidade dos Açores. Análise Psicológica, 4 (XXI), 475-484.